

DA CAATINGA AO CERRADO

Lauro Rutkowski
Da equipe do Correio

O Distrito Federal já está sendo atingido pela seca do Nordeste: a chegada de centenas de flagelados dobrou a população de rua da capital do início do ano para cá. Especialistas em migração, os sociólogos Carlos Henrique Araújo e Marcel Bursztyń estimam que entre 380 e 450 famílias de fugitivos da seca estão vivendo nas ruas dos DF hoje, um contingente estimado entre 1,5 mil e 1,8 mil pessoas.

Este número só é atingido nos finais de ano, quando centenas de pessoas de outras cidades aproveitam os sentimentos caridosos provocados pelo Natal e Ano-novo para mendigar em

Brasília. O refluxo pode começar em setembro, se houver notícias de chuva no semi-árido. Mas isso é mistério. As histórias de cada migrante ainda não terminaram.

"Brasília não é o alvo principal dos migrantes, mas está na rota. Como aqui existem vários atrativos, muitos acabam ficando", diz Carlos Henrique. Entre os atrativos, estão o subemprego, a construção civil e a cata de lixo reciclável.

Dados da Secretaria da Criança e Assistência Social também registram o fenômeno. De janeiro até abril, 800 nordestinos provenientes do Polígono das Secas foram atendidos no Centro de Apoio Social do governo do Distrito Federal. É pelo menos 10% a mais que o registrado no mesmo período do ano passado.

Fotos: Joêdon Alves



Manoel veio com a família catar latinha em Sobradinho, mas quer voltar para Pernambuco: "Não sou vagabundo"

MENDIGO GORDO ATRAI MIGRANTE

A agricultora Maria Amélia de Lima Carvalho, de 31 anos, levou um susto quando ligou a televisão há 13 meses e viu uma reportagem sobre a miséria da população de rua de Brasília. Na época, o assunto em todas as emissoras era um só: o assassinato do índio Pataxó Galdino Jesus dos Santos, incendiado por jovens de classe média. Maria Amélia não ficou assustada só com o crime, mas com a aparência dos pobres da capital do país: "Velho, vem ver como os mendigos de Brasília são gordinhos!"

O marido veio correndo. "É, são gordos mesmo. Tá todo mundo de bucho cheio", constatou Manoel Antonio da Silva, de 56 anos, que além de agricultor é marceneiro de mão cheia (tem a capacidade de fazer móveis usando como instrumento o machado). Nascia naquele momento o projeto da família na hipótese de haver seca em

1998: deixar o distrito de Isacolândia (a 50km de Petrolina-PE) e migrar para Brasília. Há 15 dias, depois de uma semana de caminhadas e caronas, Maria Amélia, Manoel Antonio e os oito filhos desembarcaram em Sobradinho e ali mesmo, à beira da estrada, montaram acampamento.

Na metade da viagem, já sabiam como ganhar a vida. A melhor coisa a fazer no DF era catar latinhas para a indústria da reciclagem. "Todo mundo pelo caminho dizia que davam R\$ 0,40 centavos por quilo e que tinha muito no lixo", recorda Maria Amélia. Por semana, a família consegue entre R\$ 40,00 e R\$ 60,00. Uma fortuna em época de seca. "Lá a gente passa fome. Não tem quem dê um real", conta. Mesmo assim, a família pretende ir embora no primeiro inverno do semi-árido. Manoel Antônio não está gostando da rotina da catação. "Eu

não sou vagabundo. Meu lugar é lá", reclama, chorando.

A situação de Isacolândia continua péssima. O presidente da Associação de Moradores do distrito, José Soares da Silva, diz que uma parcela significativa dos seis mil moradores já foi embora. "Alguns foram para os acampamentos do MST. Outros desceram para o Sul", conta Soares, mais conhecido como Zé do Dodge (uma alusão à marca do seu caminhão-pipa).

Zé do Dodge diz que sonha em se reunir com o presidente Fernando Henrique Cardoso, que viu de perto na campanha eleitoral de 1994, para pedir ajuda. Diz ele que dirigiu o automóvel usado pelo então candidato à presidência nas duas vezes em que o tucano visitou a região. "Eu vou avisar antes lá no Palácio do Planalto. Não dá para chegar assim, sem mais nem menos, só porque se conhece o homem", explica.

AGRICULTOR TOCA OBRAS NA CIDADE

Laurindo Pereira Bastos, de 34 anos, trocou a enxada que carpia o chão seco de Ibipêba (BA) pela pá de pedreiro que levanta paredes em um condomínio do Distrito Federal. Há dois meses, Bastos pediu R\$ 52,00 emprestados para a mãe e saiu pelo mundo em busca de trabalho, uma aventura que nunca havia protagonizado antes. Deixou para trás mulher, quatro filhos, amigos, parentes e um hectare de terra imprecioso para a lavoura.

Hoje está feliz e ao mesmo tempo triste. Está feliz porque, como pedreiro numa obra no Condomínio Rural Lago Oeste, ganha R\$ 15,00 por dia — três vezes mais do que como bóia-fria na Bahia. Manda dinheiro para a família toda semana.

A tristeza é que Bastos tem vontade de ir embora, ainda que para ganhar menos na Bahia. "Se tivesse o que fazer por lá, eu já tinha ido embora. Ficar longe da família é difícil demais", se queixa emocionado.

Mais tristeza ainda ele sente por saber que a sua enxada só voltará a ser usada se chover no inverno do semi-árido, que começa lá por setembro. "Se não chover, não dá para voltar", lamenta. Se a chuva não vier, a salvação da família continuará sendo a pá de pedreiro. E as previsões meteorológicas são de nenhuma ou pouca água no interior nordestino, insuficiente para fazer brotar qualquer coisa na terra seca.

Se pudesse conversar com Bas-



Tristeza: mesmo ganhando três vezes mais, Laurindo sofre com saudades

tos, o secretário de Finanças de Ibipêba, Herculano Gomes Pereira, aconselharia o agricultor a ficar no DF. "Eu diria: não volte, porque aqui não há o que fazer", diz o secretário. Toda a lavoura de milho, feijão e mamona está perdida.

Dos 17 mil habitantes do município, 10% fugiram em busca de trabalho. "Desde janeiro damos 30 passagens por dia. É melhor buscar sustento fora do que morrer de fome aqui", diz Pereira. Até agora, apenas 930 cestas básicas chegaram a Ibipêba.



Domingues só conseguiu trabalhar uma semana, mas volta para casa com um troféu: a televisão

VONTADE DE FICAR, NÃO BASTA

Domingues Francisco dos Santos, 27 anos, chegou a Brasília há três meses disposto a não voltar tão cedo para a Bahia. Na primeira semana, trabalhou de sol a sol como jardineiro. Tinha experiência com a terra, visível nas mãos calejadas de tanto lidar com feijão e milho. Pelo trabalho de sete dias, ganhou R\$ 120,00, o mesmo que em um mês na roça, quando não há seca. Aproveitou o dinheiro para realizar um grande sonho. Comprou uma televisão de 12 polegadas.

O eletrodoméstico será o único souvenir que ele poderá exibir em Jussara, cidade com 13 mil habitantes fundada em 1962. Domingues

não conseguiu emprego e terá que deixar o quarto 24 do Centro de Apoio Social do GDF em Taguatinga. O seu tempo para tentar se dar bem na capital se esgotou.

O governo já está providenciando as passagens de Domingues e de sua mulher, grávida de sete meses. Em março, o casal enfrentou a estrada a pé e de carona, com duas crianças (uma com um ano e outra com dois). Sempre que olha para a televisão, Domingues sente-se um pouco incomodado com aquele troféu conquistado por uma vitória efêmera. "Vou embora, mas assim que a criança nascer eu volto para cá", promete Domingues.

O agricultor sabe exatamente o que o espera em Jussara: desemprego e miséria. "A região toda quebrou", confirma o presidente da Câmara Municipal da cidade, Gilberto Pereira de Miranda (PFL). O vereador conta que dois ônibus lotados com migrantes deixam a cidade toda semana. "Aqui não tem cesta básica nem frente de trabalho. A saída é ir embora", diz. A prefeitura tem ajudado quem pretende viajar. Semanalmente, dá 100 passagens. "Pelo menos o chefe de família consegue emprego fora e manda o dinheiro para a família que fica aqui", explica o vereador, que também é agricultor e perdeu toda a safra.